# A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

ELIZANGELA SOUZA MENEZES

RESUMO
A Literatura Infantil se constitui em uma manifestação de arte, atua de maneira profunda e duradora dando forma e sentido no processo de ensino e aprendizagem dos valores culturais presentes na sociedade. A história das culturas é um movimento que perpassa gerações, sendo a literatura o meio fundamental desta prática possibilitando a transmissão de valores, perpetuando assim, a arte de contar histórias que contribui para o processo em que os seres humanos aprendem a viver e resolver os seus conflitos, problemas e superarem suas dificuldades buscando a superação e evolução de seres pensantes. É preciso estar aberto para universo encantador que a magia da contação de história proporciona em uma imersão no mundo do encantamento, mistério e magia que degusta quem se deixa afetar na percepção de perceber as contribuições da contação de históricas no processo de aprendizagem que se dá na arte da escrita, na magia do ouvir e degustação de ouvir histórias narradas que contribuem para aquisição de conhecimento de forma prazerosa e lúdica que a criança leva consigo durante o seu existir.
PALAVRA-CHAVE: Contação de História; Leitura; Imaginação; Conhecimento; Aprendizagem.

ABSTRACT
Children's literature is an art form that acts in a profound and lasting way, giving form and meaning to the process of teaching and learning the cultural values present in society. The history of cultures is a movement that spans generations, and literature is the fundamental means of this practice, enabling the transmission of values, thus perpetuating the art of storytelling, which contributes to the process in which human beings learn to live and resolve their conflicts and problems, and overcome their difficulties, seeking to overcome and evolve as thinking beings. It is necessary to be open to the enchanting universe that the magic of storytelling provides, immersing oneself in the world of enchantment, mystery, and magic that is enjoyed by those who allow themselves to be affected by the perception of the contributions of storytelling to the learning process that occurs in the art of writing, in the magic of listening and enjoying the experience of listening to stories told, which contribute to the acquisition of knowledge in a pleasurable and playful way that the child takes with them throughout their existence.
KEYWORDS: Storytelling; Reading; Imagination; Knowledge; Learning.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema “A Contação de Histórias no Processo de Aprendizagem” e visa proporcionar experiência concreta da criança ao entrar em contato com a Literatura Infantil que por meio das narrações, a criança exercita a audição ao mesmo tempo que ocorre mudança de mentalidade no processo cognitivo, emocional, social, interativo perceptível nas relações que estabelece com as pessoas em seu processo de aprendizagem.

A Contação de Histórias é uma arte bem antiga. Contar Histórias não é só começar com “era uma vez e viveram felizes para sempre”, mas se constitui em ser uma forma de praticar uma cultura milenar que sendo passada de geração em geração, antecedendo o desenvolvimento da escrita, mas exercitando a audição e ato de ouvir, de falar, de interagir, de socializar, de emocionar-se, de deixar-se afetar pela arte de ouvir, de contar, de narrar.

Na história da humanidade sempre houve a necessidade de se exprimir os sentidos da vida, transmitir valores, ou seja, é uma prática que impulsiona o ato de ler, portanto, contar e recontar as histórias exercem movimentos simples do nosso dia-adia que podem e devem nos ajudar a compreender as questões relacionadas a psicomotricidade no desenvolvimento infantil, assim como as descobertas que a própria contação de história vai possibilitando no universo imaginá-

rio da criança em desenvolvimento.
A Contação de histórias, pertence a dois campos: da educação e das ciências humanas, se constituindo em uma atividade comunicativa e expressiva. Contar histórias é dar espaço ao encantamento, suspense, terror, sonhos, emoções, dando vida aos personagens, transformando tanto o narrador como o ouvinte, possibilitando a ambos transformações e mudanças.
A Arte de Contar Histórias exerce um papel fundamental na vida da criança e de todos que ouvem, incentivando o gosto e o hábito pela leitura, ampliando as narrativas culturais do vocabulário, fortalecendo o desenvolvimento do consciente e subconsciente infantil. O professor pode e deve apropriar-se dessa ferramenta e transformar a contação em um momento único e um importante recurso na formação do leitor (PENNAC, 1993, p. 124).

## DESENVOLVIMENTO

### PERPETUAÇÃO DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS

Para Sisto (2012), ilustrador e contador de histórias, afirma e ensina que para ser um bom narrador de contos é ler muitos livros. Além disso o narrador é quem deve ditar as regras na hora da contação, tom de voz, pausas, cenários, roupas etc. Para que isso aconteça, o contador deve se apaixonar pela história, disposto criar uma conexão entre a história e o ouvinte.
Segundo Sisto (2012), o contador de histórias não deve ser um mero repetidor, mecânico e sem paixão, o contador deve colocar vida nas histórias escolhidas. De modo que traga originalidade, conflitos, suspense, amor, ódio, perdão. Segue o autor
contar bem uma história é também saber evitar o didatismo e a lição de moral; os estereótipos da palavra e dos gestos; o maniqueísmo e os preconceitos; o óbvio, o modismo e o lugar comum. Em geral, na escola, a escolha de um texto para ser contado tem quase sempre, o poder de determinar conteúdos a serem estudados. Mas quando a história contada vem em função de instaurar um espaço lúdico, ela pode gerar outro tipo de expectativa: não mais a da cobrança, mas a do encantamento (SISTO, 2012, p. 25).
Para o autor existem cinco aspectos que são imprescindíveis para uma boa contação de histórias, são eles: “um olhar panorâmico” – olhar a arte de contar histórias de um modo geral, “um olhar pedagógico” – uma ferramenta para educação integral da criança, “um olhar técnico e estético” – o professor deve se capacitar e dominar as técnicas e estéticas da contação de histórias, e “um olhar amoroso” – que consiste na vontade e na vocação pelo exercício de contar histórias.
Ao final da contação de histórias, o professor deve reforçar o trabalho com a diversidade, relacionar as histórias com a vida cotidiana e propor atividades que insiram o aluno de uma forma lúdica e prazerosa no mundo da literatura por meio da arte de contar histórias utilizando a imaginação que só a leitura é capaz de proporcionar.
A didática da contação de histórias é motivante e enriquecedora nas séries inicias, mas o cuidado deve estar presente na estrutura da narração e ser previsível para a criança, com linguagem fácil, com imagens e possibilidade de explorá-las posteriormente de forma lúdica, com atividades que venham agregar conhecimento às narrativas possibilitando as crianças um melhor desenvolvimento da capacidade de produção e compreensão do texto presente na história contada.
O professor precisa incluir em seu planejamento curricular, períodos dedicados à leitura diariamente, formando crianças que gostem de ler e escrever, uma geração de leitores e escritores que veem na literatura infantil um meio de interação e diversão. Segundo Abramovich (1991) o ato de escutar contos é o início para a aprendizagem de se tornar um leitor.
Portanto, proporcionar estas oportunidades didático-educativas aos alunos em classe, significa capacitar às crianças para que possam desenvolver todas as suas potencialidades dentro da língua materna, tendo a leitura uma aliada para enriquecer o vocabulário, aumentar sua produção escrita, ter uma boa argumentação tanto na escrita quando ao uso que faz da linguagem de forma argumentativa.
Além disso, a literatura oral na sala de aula pode ser trabalhada de maneira interdisciplinar.

Segundo Abramovich (1995),
é através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1995, p.17).

É possível ao professor trabalhar com a interdisciplinaridade, agregando conhecimento amplo, das histórias, dos povos e culturas, este caminho didático traçado pelo professor, permitirá ao aluno valorizar a identidade cultural e respeitar a multiplicidade de culturas e a diversidade inerente a elas.

Outra fonte de aprendizagem pode ser apontada nos contos são os enredos das histórias, em que aparecem situações ligadas a valores universais como a liberdade, a verdade, a justiça, a amizade, a solidariedade, etc. levando a criança a refletir sobre as relações que são estabelecidas em seu dia a dia. A contação de história possibilita aos alunos o contato com sentimentos de inveja, traição, covardia, desigualdade, entre outros, ou seja, se delega a escola a análise crítica de componentes éticos, abrindo espaço para a discussão de valores morais e de como é possível por meio do conhecimento ser agente transformador do contexto em que se mora, em se vive, faz e escreve sua história de maneira singular.

## OS CONTOS CLÁSSICOS E SUA IMPORTÂNCIA NO APRENDIZADO

A contação de histórias nunca deixou de ser um recurso extremamente sedutor e atrativo para pessoas de qualquer idade, e quando usado da maneira coerente pode aproximar tanto a criança quanto o adulto para práticas de leitura. Ao se encantar com narrativas, certamente crianças e adultos encontrarão o caminho dos livros, das leituras, das histórias divertidas, emocionantes, intrigantes, romances, histórias que proporcionarão um universo que só a leitura é capaz de proporcionar a quem desperta para essa aventura que não tem fim.

Segundo Abramovich (199), em 1697, na França, Charles Perrault, poeta e advogado renomado da corte, famoso por ser autor de várias obras para os adultos, começa a ter registros e publicações da primeira coletânea de Contos infantis da História da Literatura. Charles Perrault reúne diversas estórias contadas pelo povo, sendo muitas delas conhecidas até hoje como: O Barba Azul; Chapeuzinho Vermelho; A Bela Adormecida no Bosque; O Gato de Botas; O Pequeno Polegar; Henrique do Topete e A Cinderela ou A Gata Borralheira.

Em versos, seus contos foram escritos, sendo concedido a autoria ao seu filho Pierre Perrault, presenteando assim a neta de Luís XIV, que reinava neste período histórico. Pouco tempo depois, Perrault faz sua segunda publicação, acrescentando mais três contos: Grisélidis, Pele de Asno e Desejos Ridículos. Nos contos de Perrault são respeitadas a história real contada pelo povo, mesmo sendo cruel, de cunho moral ou poética.

Abramovich (1991), afirma que Perrault é um escritor que “mistura a criação popular à sua imaginação, dando detalhes e formas reais nos contos encontráveis e característicos de sua época. O que torna as obras dignas de ser chamadas de obras primas” (ABRAMOVICH, 1991, p. 123).

Charles Perrault foi o precursor do gênero Literatura Infantil, porém, foi na Alemanha que este gênero foi definitivamente constituído e disseminado por toda a Europa e Américas, graças aos irmãos Grimm.

Estudiosos como Jacob e Wilhelm percorreram por toda a Alemanha falando com o povo, ouvindo e transcrevendo tudo que ouviam. Os irmãos não tinham a intenção de escrever para as crianças, porém em 1815 Wilhelm utilizou “seu material riquíssimo e atrativo de forma sensível, conservando a ingenuidade popular, a fantasia e o poético ao escrevê-lo” (ABRAMOVICH, 1991, p.123).

As histórias maravilhosas formaram a coletânea que conhecemos por “Literatura Clássica Infantil”, compondo os contos como: A Bela Adormecida; A Gata Borralheira; Branca de Neve e os Sete Anões; Joãozinho e Maria; Chapeuzinho Vermelho; Os Músicos de Bremem, entre tantos outros que são conhecidos no mundo inteiro.

Algumas histórias por ter conteúdo com um requinte de crueldade e marcados pela violência explícita que eram praticadas contra as crianças, os irmãos preferiram retira-las,

no entanto "o sucesso desses contos abriu caminho para a criação do gênero Literatura Infantil" (COELHO, 2008, p.30).

Temos Jean de La Fontaine, considerado um intelectual neste mesmo período na corte francesa que se empenha em resgatar pequenas e antigas histórias consideradas moralistas – as chamadas Fábulas.

Jean de La Fontaine vai além das histórias contadas pelo povo, buscando na antiguidade as Fábulas de Esopo (Grécia), Fábulas de Fedro (Roma), as coletâneas orientais, medievais, e até mesmo parábolas bíblicas. Dedicando-se por vinte e cinco anos juntando textos e reescrevendo-os em versos, nomeando-as de Fábulas de La Fontaine. "Suas fábulas eram textos cifrados, que denunciavam as intrigas, os desiquilíbrios ou as injustiças que aconteciam na vida da corte ou entre o povo" (COELHO, 2008, p. 28).

As fábulas mais conhecidas até hoje são: O Leão e o Rato; A Raposa e as Uvas; A Cigarra e a Formiga; O Lobo e o Cordeiro; A Leiteira e o Pote de Leite. Segundo Coelho (2008, p.28) todas as suas fábulas possuíam grande sabedoria prática que jamais envelhece, porque é alicerçada na essência da natureza humana, o tempo passa, mas a história permanece viva.

O dinamarquês Hans Christian Andersen, considerado o poeta infantil, a partir de 1835, chegando para completar o acervo literário infantil, publicando ao longo de quarenta e dois anos, 168 contos, dentre eles, 156 especialmente para crianças.

Para o autor

Coelho descreve em doces palavras a essência das obras de Andersen: Sintonizado com os ideais românticos de exaltação da sensibilidade, da fé cristã, dos valores populares, dos ideais da fraternidade e da generosidade humana, Andersen se torna a grande voz a falar para as crianças com a linguagem do coração; transmitindo-lhes o ideal religioso que vê a vida como o "vale de lágrimas" que cada um tem de atravessar para alcançar o céu (COELHO, 2008, p. 30).

Seus contos maravilhosos, não deixam de falar da realidade do dia a dia, que é marcada por egoísmo e injustiças, em decorrência disso muitos de seus contos são tristes e com finais trágicos.

Han s Christian Andersen deixa a marca na história de muitas crianças, com suas obras como: A Pequena Vendedora de Fósforos; O Patinho Feio; O Soldadinho de Chumbo; Os Sapatinhos Vermelhos; Os Cisnes Selvagens; A Roupa Nova do Imperador; João e Maria; A Rainha de Neve, entre outros.

Segundo Abramovich (1991), Andersen é filho do povo, refletindo em seus contos sua própria infância, enfatizando padrões de comportamento que se adequariam ao momento que estavam vivendo em sociedade. Seus contos exploram diversificados valores ideológicos tais como: valorização das coisas naturais e não artificiais, valorização da pessoa por suas qualidades e não posição social, a defesa dos direitos iguais, etc., características do Romantismo.

Sua obra é tão deslumbrante e encantadora possibilita o encontro do mundo imaginário com o encantamento e com a realidade que pode ser modificada, transformada e que a escuta, a interação, o movimento que acontece na contação de histórias possibilitado pelo fato de que "nele o maravilhoso é a sua própria alma e seu mundo inteiro, seu mundo vivo, produto de sua própria vida. É o poeta da infância" (ABRAMOVICH, 1991, p. 123).

A Emoção na Arte de Contar Histórias para o Desenvolvimento Intelectual

As imagens que acompanham Cinderela, Chapeuzinho Vermelho ou João e o Pé de Feijão em antigas edições de contos de fadas têm uma força estética que exerce um domínio emocional raramente encontrado na obra de ilustradores contemporâneos, por essa razão é preciso levar em conta tempos e lugares passados em busca das imagens que acompanham as histórias clássicas, contadas na infância que se perpetuam na idade adulta.

Os contos de fadas são íntimos e pessoais, contando-nos sobre romance, riquezas, e vitórias, de poder e privilégio e, o mais importante, sobre um caminho para sair da floresta e voltar à proteção e segurança de casa e da família, possibilitando caráter aos mitos e pensando-os em termos humanos em vez de heroicos, os contos de fadas imprimem um efeito familiar às histórias no arquivo de nossa imaginação coletiva e emocional.

Os contos de fadas nos arrastam para uma realidade que é familiar no duplo sentido da palavra – profundamente pessoal e ao mesmo tempo centrada na família em seus conflitos, não no que está em jogo no mundo em geral, mas conectada as histórias com a realidade da criança.

A contação de histórias na voz do narrador traz assuntos pertinentes, os contos de fadas nascem no universo infantil, e muitas vezes se relacionam com às dificuldades e problemas enfrentados diariamente pela criança. Estes contos falam de assuntos que, muitas vezes a criança não consegue expressar oralmente, mas que por meio da magia da literatura e da narração do contador de histórias, há um momento que o mágico aconteça na sua vida concreta e o personagem ajuda na resolução dos seus conflitos.

Na verdade, em um nível manifesto, os contos de fadas ensinam pouco sobre as condições específicas da vida na moderna sociedade de massa; estes contos foram inventados muito antes que ela existisse. Mas através deles, pode-se aprender mais sobre os 25 problemas interiores dos seres humanos, e sobre as soluções corretas para seus predicamentos em qualquer sociedade, do que com qualquer outro tipo de estória dentro de uma compreensão infantil (BETTELHEIM, 2002, p. 13).

É de conhecimento de todos que os contos de fadas vão além do entretenimento, ou mera contação de histórias, enriquecendo as experiências infantis, através da escuta ativa estimulando a imaginação, traçando novos caminhos e conexões neurais ajudando a criança a desenvolver seu intelecto, o que é denominado pela neurociência de "sinapses".

Desta maneira, torna mais fácil a compreensão das próprias emoções e dificuldades, levando-a a reconhecer que há solução para seus problemas. Desenvolvendo o raciocínio e, através de comparações próprias, a criança aprende que é capaz de tirar suas próprias conclusões, se posicionando no mundo.

Existe uma infinita variedade de assuntos podem ser abordados indiretamente por meio da contação de histórias como, por exemplo, a existência do bem e do mal (o mocinho e o vilão), assim como o bem e o mal, a paixão e a maldade, guerra e paz.

O mal é uma característica marcante das histórias. Se há mal, também existirá o bem, que levará a criança a se identificar com o herói ou heroína, de maneira inconsciente, resolvendo suas próprias situações de conflitos, enfrentando seus medos, e alcançando um equilíbrio futuro para enfrentar novas situações em que os conflitos deverão ser enfrentados.

É de extrema importância perceber como o personagem reage diante de determinada situação, como coloca a criança no cenário de reflexão para que possa desenvolver a inteligência emocional, permitindo que a criança sinta, sorria, tenha medo, dê risadas, sinta vontade de chorar, se sinta alegre, sonhe, projete, etc., sem reprimir os sentimentos, deixando que a criança experimente e descubra que o conto, a história, a literatura infantil se constitui em ser um lugar seguro e revelador.

Bettelheim (2002) defende a presença do mal contido nas histórias infantis, e alerta para o fato de que as histórias modernas omitem o mal, exaltando apenas as virtudes, no entanto, há que fazer um exercício para fazer o resgate de situações que não são boas, mas que permeiam a vida de nossas crianças que encontram nos contos e na contação de histórias elementos para solucionar seus problemas, seus medos, seus conflitos.

Segundo Bettelheim (2002):

Em praticamente todo conto de fadas, o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e de suas ações, já que bem e mal são onipresentes na vida e as propensões para ambos estão presentes em todo homem. É esta dualidade que coloca o problema moral e requisita a luta para resolvê-lo. O mal não é isento de atrações - simbolizado pelo poderoso gigante ou dragão, o poder da bruxa, a astuta rainha na "Branca de Neve" – e com frequência se encontra temporariamente vitorioso. [...] A cultura dominante deseja fingir, particularmente no que se refere às crianças, que o lado escuro do homem não existe, e professa a crença num aprimoramento otimista (BETTELHEIM, 2002, p. 7).

É característica dos contos de fadas se estabelecer um dilema existencial de forma breve e categórica, simplificando todas as situ-

ações, esse processo permite que a criança compreenda o problema em sua forma mais essencial.

Segundo Bettelheim (2002), os contos de fadas começam a exercer um impacto benéfico nas crianças na idade de quatro/cinco anos que perdura para toda sua existência. Um exemplo do que o autor coloca está contido no Conto da Gata Borralheira (também conhecida como Borralheira, Cinderela, ou Sapatinho de Vidro/Sapatinho de Cristal), recontada por Perrault, leva a criança a viver todos os infortúnios que a pobre enteada sofria.

Igualmente leva a criança a viver toda a fantasia e o encantamento que a fada madrinha lhe proporciona, até que finalmente um pequeno sapatinho de cristal comprova sua identidade e lhe permite um final feliz ao lado do Príncipe Encantado que estava triste e buscava por sua amada e, ao encontra-la, se casam e vivem felizes.

Segundo Bettelheim (2002), a "Borralheira" é o conto que melhor retrata as experiências internas de uma criança pequena no que diz respeito à rivalidade fraterna, sentindo-se desprezada por seus irmãos e irmãs, disputando o amor de alguém que a compreende, vivendo os conflitos que são gerados por pessoas que não lhe querem bem e a impedem de ser feliz a escravizando.

Borralheira passa por todo tipo de humilhação feito pelas irmãs adotivas e também pela sua madrasta, que pensa apenas nas próprias filhas. Para Borralheira restava apenas trabalhos sujos e exigências abusivas, maldosas, tarefas pesadas, serviços braçais, mas que fazia na companhia dos animais, dos demais criados, mas com a esperança de que tudo findasse.

A criança ao ouvir essa narração acaba se identificando e relacionando a vida real com a personagem, mesmo que a situação que esteja vivenciando não seja assim tão exagerada.

Na escola que se localiza longe do centro, longe das luzes e holofotes, portanto na periferia, normalmente na comunidade é comum encontrar crianças pequenas com sentimentos de inferiorizadas e desvalorizadas, muitas vezes até pela família, e para superar esses sentimentos elas precisam perceber o sentido destes sentimentos e também assegurar em um nível consciente e inconsciente de que serão capazes de superá-los.

Qualquer que seja nossa posição na família, em certos momentos da vida somos conturbados pela rivalidade fraterna de uma ou outra forma. Mesmo um filho único sente que outras crianças levam vantagem sobre ele, o que lhe produz ciúmes intensos. Além disso, ele pode sofrer com um pensamento ansioso de que se tivesse um irmão, este seria preferido pelos pais. "Borralheira" é um conto de fadas que tem uma atração tão forte para os meninos quanto para as meninas, pois as crianças de ambos os sexos sofrem igualmente com a rivalidade fraterna, e têm os mesmos desejos de serem resgatadas. (BETTELHEIM, 2002, p. 255).

No conto da Borralheira é interessante o modo como independentemente da ajuda que recebe de sua fada madrinha, fundamentalmente ela tenha se esforçado grandemente para sair da condição degradante que se encontrava, superando obstáculos considerados impossíveis de serem resolvidos. Dessa maneira "a criança passa a confiar que o mesmo será válido para ela, porque a estória se liga tão bem às causas conscientes e inconscientes de sua culpa" (BETTELHEIM, 2002, p. 259).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança hoje é vista como uma cidadã de direitos e, com direito ao brinquedo e a brincadeira. As narrativas e contação das histórias, não tem dificuldade de propor atividades que acrescentem significados ao que os alunos ouviram e a transição que fazem para sua vida concreta junto som seus familiares e pessoas que convivem. Ler é um ato de amor, de cuidado e respeito pela criança, é a forma mais pura e verdadeira de inserir a criança no mundo leito e a contribuição da contação de histórias é de fundamental importância para quo processo de aprendizagem aconteça.

A contação de história é de extrema importância no desenvolvimento infantil para que seja estimulada a leitura por meio de uma vivência muito maior com as histórias, trazendo da fantasia para a realidade, auxiliando as crianças em seu movimento de conhecer

e desvendar os mistérios apresentados pelos contos para superar seus próprios conflitos e situações que vivenciam em sua vida real.

O contador de história tem a tarefa de identificar as necessidades da criança, os objetivos propostos na contação de história para o pleno desenvolvimento da criança que ao escutar a história narrada, compreender as questões emocionais que envolvem as crianças, as questões cognitivas que os alunos necessitam para seu pleno desenvolvimento e para uma aprendizagem saudável prazerosa e essencial para o seu pleno desenvolvimento.

A arte da contação de histórias dentro da sala de aula é um benefício mútuo, em que o contador de histórica instigando os alunos são a imaginar e criar mais, ao mesmo que dá as condições necessárias para que os professores possam ministrar aulas mais agradáveis e produtivas e em casa, a contação de história, pode ser um momento de estímulo e interação entre pais e filhos.

Contar história proporciona o desenvolvimento infantil de extrema importância para as etapas que virão em que a criança vai amadurecendo e se dando conta dos processos por que passa em que será alfabetizada e letrada podendo fazer da leitura e da história ora contada, agora lida por ela de forma autônoma, prazerosa, e, se possível de forma lúdica um momento singular e único que se cultivado será possível termos leitores saudáveis, críticos e reflexivos na família, na comunidade, na escola e na sociedade.

O movimento que se inicia com a contação de histórias se constitui em uma fonte de múltiplas possibilidades que pode ser utilizado em todos os componentes curriculares de forma multidisciplinar porque o corpo está em movimento e presente em todo processo de aquisição de conhecimento e isso pode se dar de forma brincante, de forma alegre, prazerosa, lúdica com a arte de contar, de narrar históricas a partir dos diversos instrumentos utilizados na aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Editora Scipione, 1991.

BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Editora Paz e Terra, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF,1998.

BRUNER, J. Atos de significação. Trad. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COELHO, Nelly Novaes. Literatura Infantil: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

FILHO, José Nicolau Gregorin. Literatura Infantil: Múltiplas Linguagens na Formação de Leitores. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

FREIRE, Paulo. A importância do Ato de Ler. São Paulo: Cortez, 1987.

GOMES, L.; MORAES, F. Alfabetizar Letrando com a Tradição Oral. São Paulo: Cortez, 2013.

LAJOLO, M. Literatura: Leitores e Leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

MATEUS. A. N. B. et. al. A importância da contação de história como prática na Educação Infantil. s/d; s/p. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/viewFile/8477/7227 Acesso em 17 set. 2024.

PENNAC, D. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

SISTO, C. Textos & Pretextos sobre a Arte de Contar Histórias. Belo Horizonte:
Aletria, 2012.